

Diário de Minas, B. Horiz. 2-12-956 21

Academia Mineira de Letras

C A D E I R A N.º 20

Patrono: ARTUR LOBO

ARTUR LOBO — Nasceu em Coração de Jesus, outrora Inconfidência, distrito de Montes Claros e hoje cidade, em 9 de setembro de 1869 e faleceu em Belo Horizonte em 25 de setembro de 1901. Feitos os estudos de humanidades no Rio de Janeiro, frequentou a Escola de Minas de Ouro Preto. Não concluiu, porém,



Artur Lobo

o curso de engenharia, em virtude de moléstia grave. Seguiu para Uberaba, onde, mediante concurso, foi lente de português e literatura nacional da Escola Normal. Viu-se forçado a abandonar a cidade triangulina em face do trágico incidente em que se envolveu e do qual resultou a morte do diretor da Escola, tenente Artiaga. Esse episódio, que lhe amargurou os dias, constituiu gritante contraste com a sua formação moral de homem profundamente bom, generoso, terno, desprendido. Antes de se fixar em Uberaba, estivera na Bahia, exercendo a profissão de guarda-livros. Cessadas as responsabilidades da fatal ocorrência, veio para Belo Horizonte, collocando-se na Prefeitura Municipal. Em suas funções (tesoureiro) foi irrepreensível. Corria-lhe calma a existência, na sua chácara, à rua do Chumbo, quando renovada crise hemotísica, resultante de tuberculose inci-

piente o levou ao túmulo aos trinta e dois anos de idade. Ao tempo em que irrompeu a revolta contra Floriano Peixoto, alistou-se entre os florianistas, defendendo na época o que se dizia legalidade. O débil, o franzino, o terno Artur Lobo justificara o sobrenome — LOBO, recebendo um posto honorário no Exército Nacional Poeta e romancista, escreveu "Evangelhos", "Ritmos" e "Rimas", "Quermeses" e "Lei Universal" (poesias); "Um Escândalo", "Rosais" e "O Outro" (romance). Dedicou-se ao teatro, compondo duas peças, nas quais explorava o gênero faceto das revistas: "O Gregório" e "A Volta do Gregório". Nelas, há chistosa crítica dos primeiros tipos que agitavam a nascente Capital mineira. Seu romance "Rosais" foi vertido em castelhano, no Chile, por Vicente Barahona Vega. Artur Lobo não foi poeta "comum", versejador barato, ou vate de mimetismo, metrificador. Nunca. Tinha força, elevação e, não raro, a grandeza de artista puro, consciente do que escrevia. Saúde precária, sofrimento inúmeros, angustias imprevistas, tudo concorrera por travar a grande marcha de seu espírito, digno, em verdade, dos louros que ornaram a fronte dos gênios. Dêle dissera Nelson de Sena, em comovida página, o grande elogio que verdadeiramente merece, repetindo um trecho maravilhoso de Victor Hugo, que se traduz: "A morte apraz lançar a mão pesada e fria sobre as fronteiras coadas de flores". Uma rua em Belo Horizonte, no bairro Floresta, recorda o nome desse ilustre e infelizmente mineiro.

O Globo Rio 20.2.1948

Festejados os 80 Anos de Ibraim Nobre

SÃO PAULO (O GLOBO) — Ibraim Nobre, conhecido como o Poeta da Revolução de 32, foi homenageado ontem pela passagem do seu 80.º aniversário de nascimento, com missa solene na Catedral, oficiada por Dom Paulo Rolim Loureiro, sessão especial no Instituto Histórico e Geográfico e jantar no Instituto de Engenharia, quando recebeu a "Medalha do Mérito Brasileiro".

Ibraim Nobre continua a viver com a lembrança da Revolução de 32. Fala normalmente dos acontecimentos daquele ano e re-
pete, sempre: "Trinta e dois não é uma saudade. É uma presença". Estudou Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, foi promotor público, delegado de Polícia, delegado da Ordem Política e Social em São Paulo, oficial de gabinete do Secretário da Justiça, diretor da Polícia Militar e subprocurador-geral da Justiça. Proximamente vai publicar seu livro "Velhas Taipas, Velhas Arvores", nome sugerido por Benedito Calixto. Sua obra literária mais conhecida é "Minha Terra, Minha Pobre Terra", escrita em 1929.

FRANKLIN MAGALHAES — Nasceu Franklin de Almeida Magalhães em São João Del Rei em 22 de fevereiro de 1879 e faleceu no Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1938. Feitos os estudos primários na terra natal, foi para o Caraca, onde cursou humanidades. Dirigiu-se para Ouro Preto, completando os estudos secundários. Seguindo para S. Paulo, dispunha-se a ingressar na Faculdade de Direito, quando deliberou abandonar os estudos, para se entregar ao jornalismo. Escreveu numerosas crônicas, adotando pseudônimos diversos — "Zangão," "Zebedeu", "Zabumba" e as siglas F. M.. Dirigindo-se para o Rio, intensificou as atividades jornalísticas, na posição de redator de "O País". Voltando para Minas, dedicou-se ao magistério tendo sido professor de português, latim, francês, história e geografia em Juiz de Fora, Santos Dumont e Santa Rita do Sapucaí. Indo finalmente para o Rio, aí faleceu, após afanosa lida jornalística e intenso labor literário. Publicou: "As crianças" (palestra); "Plenilúnio" (poesias); "Os Urubús"; "Calva à mostra"; "Ondas e Núvens"; "Cair das trevas" e "Canções sanjoanenses". Poeta lírico, não deixou de cultivar o humorismo, que roçava às vezes pela sátira. A crítica literária recebeu-o com louvores, à exceção de Osó-



Franklin Magalhães

rio Duque Estrada, que, na posição de gramático e sofrível poeta, se preocupou em catar senões em quem possuía estro excelente de artista puro. São numerosos os inéditos de Franklin Magalhães, e há projeto da família para a publicação deles sob o título — "Hosana". Eleito para a Academia na sessão solene que foi fundada (25 de dezembro de 1909), participou do grupo dos Dezoito, para a totalização dos Trinta, numero de que primitivamente se compôs a instituição. Em sua maturidade, Franklin Magalhães usava amplos bigodes e barba imperial. Ao beirar os sessenta anos, já calvo, raspava tudo. Homem sereno, tranquilo, dispunha-se a coligir todos os seus trabalhos, quando a morte o colheu, sob a magua de todos os seus admiradores e luto de Minas, que o contava, como um dos seus grandes valores morais e intelectuais.